Dilúvio na Bíblia:

a violência humana e a nova ordem da natureza com justiça

Flood in the Bible:
human violence and the new order of nature with justice

Valmor da Silva*, Mariosan de Sousa Marques** e Lenilson Oliveira Paula Silva***

Resumo

O artigo apresenta o relato do dilúvio e suas releituras ao longo da Bíblia, como proposta de salvação da terra e da humanidade. Tanto no relato original quanto nas demais referências, há uma dimensão de resgate, segundo a qual a violência humana e o caos da natureza são superados pela justiça de nova ordem e nova aliança. Destaca-se o personagem Noé que, com sua família, representa o modelo de pessoa íntegra e justa. O objetivo do artigo é valorizar o aspecto positivo do dilúvio, em textos do Antigo e do Novo Testamento, com suas reinterpretações para restabelecer a ordem em momentos caóticos da história. Metodologicamente, a análise parte do relato do dilúvio no livro do Gênesis e apresenta, seletivamente, três textos do Antigo e três textos do Novo Testamento, em que a mesma proposta de ordem justa se restabelece. Propõe-se, com isso, superar leituras do dilúvio como punição, em vista de interpretações que valorizem a aliança de paz com respeito à natureza e com justiça universal.

Palavras-chave: Dilúvio; Justiça; Aliança; Releitura; Noé.

Abstract

The article presents the account of the flood and its reinterpretations throughout the Bible, as a proposal for the salvation of the earth and humanity. Both in the original report and in the other references, there is a rescue dimension, according to which human violence and the chaos of nature are overcome by the justice of a new order and a new covenant. Noteworthy is the character Noah who, with his family, represents the model of an upright and righteous person. The aim of the article is to enhance the positive aspect of the flood, in texts from the Old and New Testaments, with its reinterpretations to restore order in chaotic moments in history. Methodologically, the analysis starts from the account of the flood in the book of Genesis and selectively presents three texts from the Old and three texts from the New Testament, in which the same proposal of righteous order is reestablished. It is proposed, therefore, to overcome readings of the flood as punishment, in view of interpretations that value the peace covenant with respect to nature and universal justice.

Keywords: Flood; Justice; Covenant; Rereading.

* Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo, Mestre em Exegese Bíblica pelo Pontifício Instituto Bíblico, Roma e Mestre em Teologia Bíblica pela Pontificia Universidade Gregoriana, Roma. Professor na Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, Brasil. lesil@terra.com.br

** Doutor em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Mestre em exegese bíblica pelo Pontifício Instituto Bíblico, Roma. Professor no Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás, Goiânia, Brasil. mariosansousa@hotmail.com

*** Bacharel em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Bacharel em Filosofia pelo Instituto Santa Cruz, Licenciado em Química pelo Instituto Federal de Goiás, Goiânia, Brasil. lenilson.1990@yahoo.com.br

Recebido em: 14/10/2021
Aprovado em: 20/11/2021

Licença *Creative Commons* CC BY 4.0

Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica

1 Introdução

No início da Bíblia, o relato do dilúvio ocupa praticamente quatro capítulos (Gn 6–9), no contexto da criação do universo e da humanidade (Gn 1–11). Além disso, ao longo da Bíblia, há inúmeras menções, diretas ou indiretas, ao dilúvio. São releituras que valorizam ora mais um aspecto, ora outro.

As interpretações diversas buscam explicações históricas, simbólicas ou míticas. Visto que as releituras bíblicas possuem caráter teológico, o dilúvio serve como fundamento apocalíptico, tema de conversão ou tipologia do batismo, entre outras temáticas fundamentais. Não raro os textos sobre o dilúvio são interpretados como relatos de destruição, em força da justiça divina, frente aos desmandos da humanidade. Mas a leitura global dos textos demonstra como a justiça de Deus inclui a misericórdia e, nesse sentido, os relatos do dilúvio são lidos como renovação da natureza e da humanidade. O tema é frequente também em outros textos, nos quais um justo restaura a ordem original e salva a humanidade ao seu redor. Comum nos profetas, a proposta de salvação por um resto fiel repercute na própria vida de Jesus, o servo sofredor, solidário com todas as pessoas que padecem sofrimentos e injustiças.

Essa nova ordem da natureza e da humanidade, com justiça plena, é o que o presente artigo pretende destacar. Para tanto, apresenta alguns textos sobre o dilúvio, ao longo da Bíblia, em que se valoriza a renovação da natureza e da humanidade, através de Noé, modelo de justiça e integridade, juntamente com sua família. O dilúvio é lido, dessa forma, como nova criação, mediante a aliança de Deus com a humanidade. O esquema de leitura é feito, basicamente, em três tempos, com a seguinte dinâmica: no primeiro passo, há uma situação de violência humana; logo, no segundo passo, essa violência provoca o caos na natureza; segue-se o terceiro passo, em que Deus intervém, através de uma família justa, para estabelecer a aliança em vista de uma nova criação e uma nova humanidade.

2 O dilúvio no relato do Gênesis

O relato do dilúvio, no livro de Gênesis, é um dos textos que causa impressão forte e sugere provocações de todo tipo. Quem teria composto esta narrativa e com quais intenções? O dilúvio, de fato, aconteceu sobre a terra ou trata-se somente de um relato mítico ao estilo de tantas outras narrativas mesopotâmicas? Se o texto é compósito, por qual motivo os redatores não eliminaram as contradições dos duplicados? Se a terra é toda lavada pelo dilúvio para pôr fim à violência e uma aliança é feita com uma família que recomeça o mundo, qual o nosso papel no cuidado da mãe terra? Essas e tantas outras questões surgem naturalmente na mente de qualquer leitura atenta ao texto. O nosso intuito é fazer uma leitura diacrônica com um olhar crítico, escavando as pretensões iniciais do relato e evidenciando suas provocações teológicas, sociais, econômicas e ecológicas para o mundo de hoje.

2.1 Um texto compósito

A catástrofe do dilúvio na Bíblia Hebraico-Cristã é um evento mítico eivado de significações teológicas, sociológicas e políticas. O texto mesmo (Gn 6,5–9,17) está na seção do relato das origens (Gn 1–11), sendo o dilúvio posto como um acontecimento dentro da vida de Noé. De fato, a notícia do nascimento de Noé é dada em Gn 5,29 ou do nascimento

dos seus filhos em Gn 5,32. A morte de Noé é narrada somente em Gn 9,29, após os acontecimentos da vinha e bebedeira (MCEVENUE, 1971, p. 37). Qualquer leitor atento percebe uma redação compósita do evento do dilúvio, com fraturas, tensões e duplicados que são inconciliáveis com uma hipótese de relato unitário (SKA, 2018, p. 32).

Existem tensões e contradições inconciliáveis na narrativa do dilúvio que não permitem uma leitura sincrônica (EMERTON, 1988), sendo as mais vistosas as diferenças nos nomes divinos, as ordens que Elohim/Yhwh dá em mérito aos animais a serem preservados, a duração do dilúvio e a natureza do mesmo (CAMPBELL; O'BRIEN, 1993, p. 217). Embora haja essas tensões e divisões, não há elementos suficientes para separar dois relatos completos da história do dilúvio: um relato sacerdotal e um javista. Com efeito, falta elementos essenciais no texto javista, muito mais exíguo, como por exemplo a construção da arca e saída da mesma. Dessa forma, estudos mais recentes estão demonstrando uma fragmentariedade do que antes era chamado de fonte javista, sendo a estrutura fundamental e composta pelo texto sacerdotal, mais ancestral e mais completa (RENDTORFF, 1977; VAN SETERS, 1992, p. 19; DE PURY; RÖMER, 1996; SKA, 2016; MARQUES, 2021).

2.2 Violência e corrupção enchem a terra, mas Deus age por Noé

Nesse substrato sacerdotal, encontramos a introdução ao relato no texto de Gn 9,9-13. Depois da primeira introdução não sacerdotal (Gn 9,5-8) que apresentou Noé como alguém que simplesmente encontrou graças aos olhos de Yhwh, agora nos deparamos com uma genealogia (*tôlədōṯ*) de Noé (DRIVER, 1905, p. 88; SARNA, 1989, p. 16), demarcando seus atributos fundamentais: homem justo, sem defeito no meio de sua geração e que caminhava com Elohim (Gn 6,9) (CASSUTO, 1964, p. 49). Diferente de outras *tôlədōṯ* de gerações que apresentam de imediato a descendência do personagem, esta daqui apresenta primeiro os atributos de Noé, para só em seguida apresentar seus filhos (Gn 6,10). A situação de corrupção e violência difusa pelo mundo vem logo depois (Gn 6,11), seguida da notação da percepção divina do estado das coisas (Gn 6,12) (SPEISER, 1987, p. 51) e do início do primeiro discurso divino a Noé em que decreta a destruição do mundo (Gn 9,13), ordenando a construção da arca (Gn 9,14) na qual serão salvos a família de Noé e as espécies dos animais (CASSUTO, 1964, p. 52).

No esquema estilístico da divisão do livro do Gênesis em dez *tôlədōṯ*, esta de Noé em 6,9 é especial (VON RAD, 1934, p. 34). Diferente de outras em que se descreve a história dos descendentes do personagem citado, na narrativa do dilúvio a *tôlədōṯ* de Noé não se centra principalmente em seus filhos, mas nele mesmo. A *tôlədōṯ* de Noé, além de não mencionar de imediato seus filhos, insiste por três vezes no nome do personagem (ALTER, 1996, p. 28). Essa insistência não é sem motivo. As consoantes que formam o nome de Noé provêm de um verbo que significa repousar. A narrativa mesma, portanto, apresenta um herói que possui os atributos e qualidades daquele que tem direito de repousar na terra. Como veremos, a história sacerdotal de Noé não é simplesmente uma narrativa inocente sobre as origens do mundo, mas é uma construção teológica, política e social num ambiente de conflitos.

Visto que estamos no estrato sacerdotal do relato do dilúvio, a caracterização de Noé como "justo, sem defeito" (Gn 6,9) assume contornos fortes, objetivamente relacionados com a teologia e pretensões do grupo sacerdotal. Noé é alguém que está em outro nível, separado dos corrompidos, longe daqueles que praticam injustiças e não cumprem a lei, dos que são defeituosos aos olhos de Elohim. Teologicamente, Noé caminhava "com"

Elohim e por isso tem direito à herança da terra que precisa ser renovada, lavada, purificada. A construção teológica de Noé, no estrato sacerdotal, o equipara a outro personagem importante, Abraão o qual recebe a ordem de caminhar "diante a face" de Deus (Gn 17,1). Tanto Noé quanto Abraão marcam um ponto inicial importante na história de Israel: Noé está na origem do novo mundo e Abraão está na origem de um novo povo (SKA, 2003, p. 168). Ambos foram destinatários de aliança acompanhada de um sinal: o sinal do arco posto nas nuvens (Noé) e o sinal da circuncisão (Abraão).

Em Gn 6,10 faz-se menção dos filhos de Noé: Sem, Cam e Jafé. O primogênito terá um lugar particular no livro do Gênesis, como patriarca do povo semita. Além disso, é de sua genealogia que virá Taré, o pai de Abraão, patriarca do povo escolhido para a aliança abraâmica. Aqui o texto não menciona, mas serão referidas, adiante, as esposas dos filhos de Noé. Trata-se dos casos das mulheres anônimas que estão nas narrativas bíblicas, sem as quais a história não vai adiante. A descendência dos filhos de Noé depende dessas mulheres que serão mães de povos. Elas também são depositárias da aliança feita entre Elohim e Noé com seus filhos e esposas. O texto não fala da justiça ou retidão da família de Noé, mas a aliança é com toda a família e com os seres vivos.

Em oposição à situação de Noé, que "era justo, sem defeito no meio das suas gerações" (6,9), "a terra havia se corrompido diante da face de Elohim" (6,11). Diferente do primeiro relato da criação, quando Elohim viu a terra "e eis que era boa" (Gn 1,10), agora Elohim viu a corrupção total (Gn 6,12). Não se trata somente de alguns desvios, ou de delitos menores. Essa corrupção é a inversão completa do plano inicial do Criador. Trata-se de "toda a terra", isto é, aquele espaço onde vivem os seres que possuem hálito de vida.

A corrupção de toda terra se manifesta principalmente na "violência que enche toda a terra" (Gn 6,11) (BOVATI, 1986, p. 245). Elohim havia criado um mundo harmonioso, onde não havia brutalidade, nem desordem, nem agressividade. Havia até mesmo estabelecido a dieta alimentar dos seres vivos, reservando sementes e frutos para a humanidade e grama verde para todos os demais seres rastejantes (Gn 1,29-30). Dessa forma, não havia nem cadeia alimentar e nem competição pelo alimento. Cabia somente à humanidade zelar e cuidar da terra e dos seres vivos. De fato, "submeter e dominar" (Gn 1,28), no vocabulário sacerdotal, não incluem a violência em seu campo semântico (MARQUES, 2016), mas somente a responsabilidade de preservar na vida, na integridade e na plenitude. Esse ideal de harmonia total, de convivência pacífica entre homens e animais, será retomado pela tradição profética, relançando-o para os tempos messiânicos (Is 11,6-9; Mc 1,12).

Mas agora, a violência enche toda a terra, e Elohim "vê a terra". E diante do que Ele vê, decide agir. Pois toda carne "havia se corrompido em seu caminho sobre a terra" (Gn 6,12), exceto Noé que era homem justo, sem defeito entre os da sua geração (CASSUTO, 1964, p. 51). O "caminho" é a expressão da vocação existencial humana. A percepção divina pelo olhar desencadeará sua ação. A terra criada por Elohim não foi deixada a si mesma. O Criador a vê constantemente. Se os olhos são a janela da alma (Pr 20,12; Mt 6,22), o mundo visto por Elohim está no centro de sua preocupação. O que fazer com um mundo corrompido e cheio de violência?

Elohim passa à ação. Em seu discurso a Noé, Ele informa seu plano de pôr fim a toda carne e a essa violência que enche a terra (Gn 6,13), bem como ordena-lhe de construir uma arca com compartimentos (Gn 6,14), pois o dilúvio virá para consumir toda carne em que há hálito de vida (Gn 6,17), porém com Noé e sua família será feita uma aliança, uma vez salvos do dilúvio na arca (Gn 6,18). Em que contexto foi estendida essa narrativa sacerdotal e com quais propósitos? É o que precisamos analisar.

2.3 Terra pervertida no exílio e nova aliança

Embora o termo dilúvio fora de Gn 6–11 só apareça no Sl 29,10 com um colorido de "oceano cósmico" (RAVASI, 1985, p. 522), um texto certamente tardio, a alusão "às águas de Noé" no Deutero Isaías (Is 54,9-10) e a referência ao "justo Noé" no livro de Ezequiel (Ez 14,14) possibilitam hipotetizar a primeira construção da narrativa do dilúvio no final do exílio babilônico. O contexto é, pois, aquele do repatriamento de grupos hebraicos liderados por uma elite sacerdotal, desejosa de reconstruir o país de origem, tema este que veremos em maiores detalhes no tópico seguinte.

De fato, o Deutero Isaías compara o dilúvio com a devastação do exílio. E assim como Elohim decretou não haver mais dilúvio, assim Deus jura agora, ao cabo do exílio, de não mais tornar a se encolerizar contra o seu povo (Is 54,9). Deus promete um novo êxodo, esplendente, glorioso, superior ao primeiro êxodo (Is 40,3-5.10-11; 41,18-20; 43,14-21). O Deus que é criador (Is 40,26-27.28-31; 43,1-7) é o mesmo Deus que governa as nações (Is 40,23-24) e é capaz de realizar o que diz. É preciso deixar a Mesopotâmia, essa terra pervertida, onde ocorre a violência da opressão e voltar à terra prometida, onde os justos gozarão de uma aliança com Deus para governar o mundo novo. O dilúvio da invasão mesopotâmica capitaneada por Nabucodonosor II (MARQUES, 2018), já havia posto fim ao mundo da aliança mosaica, que era bilateral e condicionada à observância da Lei. O exílio foi consequência da não observância daquela Lei, como havia alertado o próprio Deus (Dt 28). Pelos critérios da aliança mosaica, Israel deixou de ser povo de Deus. Agora, era preciso se apoiar numa nova/renovada aliança, não condicionada.

O retorno, que não foi fácil, esbarrou com a oposição dos remanescentes da terra (FERREIRA; MARQUES, 2019). O povo da terra que não havia sido deportado pretendia ser o legítimo herdeiro da terra (Jr 24; Ez 11,14-21). Mas esse povo também se corrompeu com a prática da idolatria e o descumprimento da Lei. Para os repatriados somente aqueles "justos e sem defeito" têm direito ao repouso na terra (versão sacerdotal do dilúvio, com o herói Noé). Para o povo da terra, há uma "consolação" provinda do trabalho na terra (Gn 5,29) e uma suspensão da maldição por parte de Yhwh resultante ao holocausto oferecido pelo herói do dilúvio nos acréscimos não sacerdotais (provavelmente de nome Menahem).

O encerramento do relato sacerdotal, de outro lado, apresenta a aliança erguida por Elohim com Noé, sua família e toda a criação (Gn 9,8-17). A justiça de Noé e sua obediência às ordens de Elohim garantiram uma nova ordem no mundo. Não há mais violência. Até mesmo Elohim que agiu violentamente contra a violência agora depõe o arco na nuvem.

Em conclusão, o esforço da tradição sacerdotal com o relato do dilúvio, no contexto do final do exílio babilônico, foi de construir uma aliança nacional que superasse as divisões e violências, assentando as bases de um mundo novo (humanidade e natureza) no fundamento da aliança divina. O texto provoca à reflexão sobre as muitas violências impetradas hoje não só sobre os pequenos e humildes, como também sobre a mãe terra, quando a natureza é devastada em nome do capital econômico. O relato do dilúvio desafia o leitor a "ver" com os olhos de Elohim e o provoca a uma atitude de base: respeito e reverência à vida em todas as suas manifestações. O cuidado da "casa comum" e a fraternidade/sororidade universal serão consequências disso.

3 O dilúvio no Antigo Testamento como aliança de justiça

Ao longo do Antigo Testamento, há inúmeras menções ao dilúvio. Algumas se referem diretamente ao texto da narrativa em si. Outras são menções indiretas, referem-se à temática que envolve o dilúvio. A própria palavra usada no Gênesis para dilúvio, só ocorre no Sl 29,10, com o sentido de "oceano celeste". Mas há diversas referências às "águas", como "as águas de Noé" (Is 54,9); "águas poderosas" (Is 28,2); "as grandes águas" (Sl 18,17); "as águas" (Is 43,2; Jó 12,15; Sl 124,4). Outras vezes se apela para metáforas, como "inundação, enchente" (Is 28,2); "enchentes e rios" (Sl 93,3); "tempestade" (Jó 26,12); "enchente, correnteza" (Sl 69,3.16); e "transbordamento, enchente" (Dn 9,26; Na 1,8; Sl 32,6) (DAVIDSON, 2004, p. 70). Além dessas 14 menções, têm-se em livros mais tardios, escritos em grego, duas menções Eclo 44,17 e Sb 10,4, que utilizam o termo cataclismo (*kataklysmós*).

As menções indiretas ao dilúvio são incontáveis, pois combinam temas do relato do Gênesis com outros próprios da tradição bíblica. Pode-se mencionar, a título de exemplo, as associações com justiça, aliança, promessa, juramento, misericórdia e salvação (LEWIS, 1978, p. 8-9). Na sequência, apresentamos três exemplos de menções diretas ao dilúvio no Antigo Testamento.

3.1 Yhwh está sentado sobre o dilúvio (Sl 29,10)

A única vez que aparece a palavra hebraica para dilúvio, fora do Gênesis, é no Salmo 29. "Yhwh está sentado sobre o dilúvio, Yhwh sentou-se como rei para sempre" (Sl 29,10).

A palavra dilúvio (*mabbûl*), aqui utilizada, pode referir-se às águas superiores do oceano cósmico, às águas da reserva da chuva, ou às águas do oceano cósmico primitivo (AMZALLAG, 2019, p. 296). Já no início do Salmo (v. 3) há referência às águas e às águas torrenciais, conforme a expressão original, "muitas águas". No conjunto do Salmo, o dilúvio tem a ver com tempestade, sobre a qual o Senhor se estabelece. Para Alonso Schökel e Carniti (1996, p. 440): "É claro que este Salmo é hino cósmico da tormenta". Mas, de acordo com Basevi (1990, p. 28), dado o uso tão raro da palavra *lammabûl*, "seu uso é, portanto, técnico e não pode indicar senão o dilúvio universal".

Assim como, no relato do dilúvio do Gênesis, Deus recompõe a ordem sobre o caos, através do justo Noé, assim também, no Sl 29, Deus manifesta o seu domínio sobre a natureza, como o Senhor que atua na tempestade.

Assim como "após a tempestade vem a bonança", e como após o dilúvio Deus estabelece a sua aliança com o arco nas nuvens, assim também no Salmo, a voz do Senhor ressoa na tormenta para, em seguida, abençoar o seu povo com a paz (v. 11). O Senhor cósmico que domina o universo é o Deus que restabelece a harmonia do seu povo.

3.2 Juro que as águas não mais inundarão a terra (Is 54,9)

No contexto do Deutero Isaías, nesta perícope (Is 54,1-10) o Senhor se apresenta como o esposo (v. 4), que resgata Jerusalém, a esposa, e declara: "Com amor (*ḥesed*) eterno, tenho misericórdia (*rḥm*) de ti, diz Yhwh, teu resgatador (*gō'ēl*)" (v. 8). O próprio Deus se compromete, mediante sua palavra e seu juramento, a restaurar a terra e o seu povo, com a justiça que sua misericórdia exige (VITÓRIO, 2016, p. 21-22).

Assim como no êxodo, o Senhor assegurou a libertação dos escravos do Egito, assim agora, resgata seu povo escravo no cativeiro da Babilônia. A renovação da humanidade pelas águas do dilúvio serve ao profeta como referência, para assegurar a salvação à cidade de Jerusalém, após a destruição do exílio.

> "Como nas águas de Noé, quando jurei que as águas de Noé nunca mais inundariam a terra, do mesmo modo juro agora que nunca mais me encolerizarei contra ti, que não mais te ameaçarei" (Is 54,9).

O juramento feito por ocasião do dilúvio se renova no retorno do exílio babilônico. As águas do dilúvio provocaram uma aliança nova, da mesma forma as águas de Noé permitem que Deus assegure a restauração de Israel após o exílio. A nova criação e a nova aliança estabelecem o paradigma da misericórdia divina, como uma tipologia aplicada a diferentes momentos da história (STREETT, 2007, p. 47-48).

3.3 Noé foi reconhecido como o perfeito justo (Eclo 44,17)

Noé é apresentado como intermediário da aliança divina, modelo de justiça e perfeição, na lista de elogios que o livro do Eclesiástico faz aos antepassados da história. O livro data, provavelmente, da época dos Macabeus.

Noé, em meio a uma geração iníqua, cheia de maldade, foi considerado o justo perfeito e, graças a ele, a humanidade ainda sobreviveu depois do dilúvio. E ainda com ele foi estabelecida uma aliança eterna, uma vez que Deus não mais mandará outro dilúvio para destruir os seres viventes.

> "Noé foi reconhecido como o perfeito justo, no tempo da cólera tornou-se rebento: graças a ele ficou um resto na terra, quando houve o dilúvio. Com ele foram estabelecidas alianças eternas, para que ninguém mais seja aniquilado pelo dilúvio (*kataklysmós*)" (Eclo 44,17-18).

O texto destaca a função de Noé como "mediador da primeira reconciliação de Deus com a humanidade" (PEREIRA, 1992, p. 216). A mediação de Noé remete diretamente ao texto de Gn 9,9-17, em que o patriarca se salva e salva a humanidade inteira, merecendo, dessa forma, o título de perfeito justo. O modelo é adequado, no contexto do helenismo que provocava os hebreus fieis.

Na profecia de Ezequiel há semelhante alusão a Noé como justo: "Ainda que estejam ali estes três homens, a saber, Noé, Daniel e Jó, eles, em virtude de sua justiça, salvarão as suas almas, oráculo do Senhor Yhwh" (Ez 14,14).

4 Noé no Novo Testamento como arauto da justiça

As menções diretas do dilúvio ou de Noé no Novo Testamento podem ser encontradas em: Mt 24,37-39 (paralelo a Lc 17,26-35) que fala dos dias de Noé; 1Pd 3,18-21 que aborda o batismo como antítipo do dilúvio; 2Pd 2,5 que trata Noé como "arauto da justiça"; Hb 11,7 que elenca Noé no rol dos modelos de fé. Lewis (1978) classifica as passagens como: as de interesse moral e as tipológicas. O interesse moral apresenta "o justo Noé" como exemplo para os cristãos, seja como "arauto da justiça" (2Pd 2,5), seja como

"herdeiro da justiça" (Hb 11,7). O interesse tipológico explora a salvação pelas águas como símbolo do batismo cristão (1Pd 3,21) e como alerta sobre a expectativa cristã da vinda de Jesus (Mt 24,39). Passamos à apresentação dos textos.

4.1 Salvação pelas águas (1Pd 3,18b-21)

Quanto ao modo tipológico de ler o episódio do dilúvio, a primeira carta de Pedro o associa ao batismo, e, em conjunto com os evangelhos de Mateus e Lucas, faz uma releitura escatológica aos dias de Noé (LEWIS, 1978, p. 101). Com efeito, os Evangelistas associam a vinda do dilúvio com a segunda vinda de Jesus. O texto petrino também possui um aspecto escatológico, ao associar o Cristo Ressuscitado com os espíritos em prisão e com os anjos. Nossa ênfase, entretanto, destaca as águas do dilúvio, associadas às águas do batismo, como símbolo da salvação em Cristo.

> Com efeito, também Cristo morreu uma vez pelos pecados, o justo pelos injustos, a fim de vos conduzir a Deus. Morto na carne, foi vivificado no espírito, no qual foi também pregar aos espíritos na prisão, a saber, aos que foram incrédulos outrora, nos dias de Noé, quando Deus, em sua longanimidade, contemporizava com eles, enquanto Noé construía a arca, na qual poucas pessoas, isto é, oito, foram salvas por meio da água. Aquilo que lhe corresponde é o batismo que agora vos salva, não aquele que consiste na remoção da imundície do corpo, mas no compromisso solene da boa consciência para com Deus pela ressurreição de Jesus Cristo (1Pd 3,18-21).

O texto aplica o exemplo do dilúvio como uma tipologia, isto é, como um modelo para a vida cristã. Da mesma forma como as pessoas, nos dias de Noé, levavam vida dissoluta, assim agora, na comunidade destinatária da carta, os cristãos correm perigo de alienação social e de indução ao mal. Por isso, o autor acentua a força da Ressurreição, em que o mal é derrotado definitivamente: "Assim como Noé foi resgatado do mundo mau de sua época pela água, da mesma forma os cristãos são resgatados através da água do batismo. No novo pacto, os cristãos assumem o compromisso de viver de acordo com a vontade de Deus" (DALTON, 2011, p. 662).

A partir dos comportamentos dos dias de Noé, pode-se intuir a sugestão de que os anjos ou os filhos de Deus mantinham relações na terra para instalar a maldade entre todos os seres vivos (Gn 6,1-4). Essa associação entre os espíritos na prisão e os anjos caídos alude, provavelmente, ao mito da queda dos anjos, desenvolvido no livro apócrifo de Henoc (12-16) e mencionado também no texto de Judas (Jd 6) (BARTH, 1987, p. 91-92).

Nesse contexto, pela força de Cristo Ressuscitado, manifestado no batismo, os anjos decaídos e sua força sobre os homens são vencidos e agora os filhos de Deus estão livres, consequentemente, precisam ter uma conduta moral correta. Pedro em sua carta demonstra que existe diferença no modo de agir entre os que seguem a Cristo e os que ainda permanecem pagãos. "Se o autor fala agora do batismo, então ele o faz como sendo o batismo um compromisso para uma conduta nova" (BARTH, 1987, p. 91-92).

As águas estabelecem o elo que conecta a salvação das "oito pessoas" para fora das águas do dilúvio e dos cristãos, salvos pelas águas do batismo, em vista de uma nova prática, segundo o modelo Jesus Cristo, "o justo, que morreu pelos injustos". A salvação está condicionada, ao fim e ao cabo, à boa consciência da prática da justiça.

4.2 O justo julgamento (2Pd 2,5; 3,6)

A segunda Carta de Pedro alude ao dilúvio como julgamento divino, destruição dos ímpios e estabelecimento de um mundo novo.

> Nem poupou o mundo antigo, mas ao trazer o dilúvio sobre o mundo dos ímpios, preservou apenas oito pessoas, entre as quais Noé, o arauto da justiça. [...] E que por essas mesmas causas [v. 3: escarnecedores, levar a vida desenfreada, levados pelas suas próprias concupiscências] o mundo de então pareceu, submergido pela água (2Pd 2,5; 3,6).

A segunda carta de Pedro tem um caráter apologético contra falsos doutores que anunciavam um evangelho distinto dos apóstolos. Por isso, a carta reforça a importância e autoridade do testemunho apostólico. "Deus não poupou": se 3,3 afirma que o juízo divino não tarda, uma prova é necessária. Recorre-se a exemplos clássicos de juízo divino no passado: se Deus não poupou estas figuras no passado, então certamente o juízo justo deve ser esperado no presente (NEYREY, 2011, p. 880). A demora da vinda definitiva de Jesus Cristo não é lentidão da parte de Deus, mas a magnanimidade de Deus que quer salvar a todos. "Esta catástrofe está atrasada na era presente por causa da raça dos cristãos, pois o dilúvio de Noé foi atrasado durante a pregação de Noé. Assim, os temas da demora e da longanimidade de Deus continuam na tipologia cristã" (LEWIS, 1978, p. 116).

No contexto de 2Pd 3,3-7 se estabelece o contraste entre os escarnecedores e os fiéis cristãos. Enquanto os primeiros escarnecem da demora no julgamento divino, os segundos asseveram a certeza da justiça, palpável na estabilidade da criação, tirada das águas, pela Palavra de Deus. A mesma palavra criadora é previdente, mantém o universo e salva os justos em sua fidelidade. O mesmo pensamento é retomado em Hebreus: "O meu justo viverá pela fé, mas se esmorecer, nele não encontrarei mais nenhuma satisfação" (Hb 10,38). Retomando o profeta Habacuc (2,3-4), o autor da carta aos Hebreus anima os cristãos à perseverança, na certeza da fé, como ilustrado no texto seguinte.

4.3 Noé herdeiro da justiça (Hb 11,7)

Em Hb 11,7, Noé é nomeado "herdeiro da justiça", assim como em 2Pd 2,5, fora chamado "arauto da justiça", ou seja, ele entra na esteira dos verdadeiros justos, "os antigos" que deram seu testemunho pela fé (11,2). Noé, com efeito, conclui a primeira série de heróis, após Abel e Henoc. Sua apresentação sintetiza o fio condutor de Hb 11, expresso no versículo inicial: "A fé é uma posse antecipada do que se espera, um meio de demonstrar as realidades que não se veem" (Hb 11,1). Os três patriarcas pré-diluvianos, Abel, Henoc e Noé, representam os justos, separados da humanidade decadente, modelos de salvação pela fé (ADRIANO FILHO, 2001, p. 53). Essa ideia se encontra na ação atribuída a Noé, "ele condenou o mundo" (Hb 11,7), segundo a qual a vida do homem piedoso e justo deve servir de repreensão permanente aos céticos e ímpios (LEWIS, 1978, p. 103).

> "Foi pela fé que Noé, avisado divinamente daquilo que ainda não se via levou a sério o oráculo e construiu uma arca para salvar sua família. Pela fé, condenou o mundo, tornando-se o herdeiro da justiça que se obtém pela fé" (Hb 11,7).

Nessa apresentação de Noé, ele é descrito como exemplo de fé, por acreditar nas coisas invisíveis e, ao construir sua arca, salva sua casa, condena o mundo e se torna o herdeiro da justiça (LEWIS, 1978, p. 101). A descrição sucinta se baseia no relato de Gênesis, que apresenta Noé como homem justo (Gn 6,9), o único justo (Gn 7,1), com influência da construção feita pelo profeta Ezequiel, de Noé como homem de justiça (Ez 14,14.20). Mas há uma conexão clara de Noé "arauto da justiça" (2Pd 2,5), com referência a uma possível tradição segundo a qual "Noé avisou seus contemporâneos acerca do dilúvio iminente e os exortou ao arrependimento, embora sem êxito" (BOURKE, 2011, p. 728). Tudo isso dá a Noé a certeza de ser o herdeiro da justiça e, como tal, modelo para os cristãos da época de Hebreus.

Os cristãos que outrora foram batizados suportaram crueldades, perseguições e diversos tipos de aflições, porém, mesmo assim, suportaram tudo com alegria, paciência e fé. Agora, mais do que nunca os cristãos precisaram suportar tudo novamente em vista da perseverança futura (Hb 10,32-39). Há uma dimensão escatológica, isto é, de salvação total pela fé que move a justiça. Não sem razão, o sintagma "pela fé" é repetido 18 vezes, como um refrão, antes de cada personagem ou sentença do capítulo 11 de Hebreus.

5 Considerações finais

Dos diversos textos apresentados, conclui-se que Deus é capaz de reconstruir e salvar o seu povo, mesmo em situação de pecado e de injustiça. Através de sua aliança com a humanidade, Ele refaz a natureza caótica e a restaura a humanidade pervertida.

Noé se destaca, com sua família, como personagem justo e íntegro. Nele atua a graça divina, para promover a nova criação. Em meio à perversão humana e ao caos da natureza, simbolizados nas águas do dilúvio, um justo se empenha e reverte a situação para restabelecer relações de justiça e paz.

Deus se compadece e se lembra de Noé, uma vez que, por causa de um justo que vive na terra, pode superar os males que assolam a natureza e a humanidade. Esse processo de criação e recriação é comprovado no retorno do exílio, como acontecera na libertação do Egito, consuma-se na morte e ressurreição de Jesus e se consolida nos dias atuais. Assim, por causa da conversão do povo de Israel ou pela existência de um justo em seu meio, como Noé, Deus desiste de destruir e arrepende-se do que fizera. À vista disso, abre-se a esperança, porque Yhwh é capaz de destruir e reconstruir/salvar o seu povo.

Referências

ADRIANO FILHO, José. *Peregrinos neste mundo*. São Bernardo do Campo; São Paulo: Metodista; Loyola, 2001.

ALONSO SCHÖKEL, Luís; CARNITI, Cecília. *Salmos I*: salmos 1-72. São Paulo: Paulus, 1996.

ALTER, Robert. *Genesis*. Translation and Commentary. New York: W. W. Norton & Company, 1996.

AMZALLAG, Gérard Nissim. Beyond the Flood: The Original Meaning of *Mabbûl* in Biblical Hebrew. *Ancient Near Eastern Studies*, Leuven, v. 56, p. 289-310, 2019.

BARTH, Gerhard. *A Primeira Epístola de Pedro*. 3. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1987.

BASEVI, Claudio. El Salmo 29: algunas observaciones filológicas sobre el texto hebreo y griego. *Scripta Theologica*, Navarra, v. 22, n. 1, p. 13-47, 1990.

BOURKE, Myles M. A Epístola aos Hebreus. *In:* BROWN, Raymond E.; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E. (Eds.). *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo:* Novo Testamento e artigos sistemáticos. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2011. p. 689-729.

BOVATI, Pietro. *Ristabilire la giustizia*. Procedure, vocabulario, orientamenti. Roma: Pontificio Istituto Biblico, 1986.

CAMPBELL, Antony F.; O'BRIEN, Mark A. *Sources of the Pentateuch.* Texts, Introductions, Annotations. Minneapolis (USA): Fortress Press, 1993.

CASSUTO, U. *A Commentary on the Book of Genesis.* Part Two. From Noah to Abraham. Jerusalem: Varda Books, 1964.

DALTON, William J. Primeira Epístola de Pedro. *In:* BROWN, Raymond E.; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E. (Eds.). *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo:* Novo Testamento e artigos sistemáticos. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2011. p. 655-665.

DAVIDSON, Richard M. The Genesis Flood Narrative: Crucial Issues in the Current Debate. *Andrews University Seminary Studies*, Berrien Springs, v. 42, n. 1, p. 49-77, 2004.

DE PURY, Albert; RÖMER, Thomas. O Pentateuco em Questão: Posição do Problema e breve histórico da pesquisa. *In:* DE PURY, Albert (Org.). *O Pentateuco em questão: a*s origens e a composição dos cinco primeiros livros da Bíblia à luz das pesquisas recentes. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 15-85.

DRIVER, Samuel R. *The Book of Genesis*: with Introduction and notes. 4th ed. London: Mathuen, 1905.

EMERTON, John A. An Examination of Some Attempts to Defend the Unity of the Flood Narrative in Genesis. Part II. *Vetus Testamentum,* Leiden, v. 38, n. 1, p. 1-21, jan. 1988.

FERREIRA, Joel Antônio; MARQUES, Mariosan de Sousa. RUTE: como permitiam a sua presença na Bíblia? *Interações,* Belo Horizonte, v. 14, n. 25, p. 169-185, jan. 2019. Diponível em: https://url.gratis/1PRIu. Acesso em: 13 out. 2020.

LEWIS, Jack P. *A Study of the Interpretation of Noah and the Flood in Jewish and Christian Literature*. Leiden: E. J. Brill, 1978.

MARQUES, Mariosan de Sousa. A Tomada de Jerusalém por Nabucodonosor II: entre história e interpretação nasce o "resto de Israel". *In:* CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA. 4., 2018, Jataí. *Anais [...]*. Jataí: Universidade Federal de Goiás, 2018. Disponível em: https://url.gratis/p6quox. Acesso em: 1 ago. 2021.

MARQUES, Mariosan de Sousa. *Estudo exegético teológico do dilúvio em Gn 6-9:* relato sacerdotal com acréscimos tardios. 2021. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2021. Escola de Formação de Professores e Humanidades, 2021.Disponível em: http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/bitstream/tede/4709/2/Mariosan%20de%20Sousa%20Marques.pdf. Acesso em 14 nov. 2021.

MARQUES, Mariosan de Sousa. Relendo Gn 1,28 em seu Contexto: a Questão Ecológia e a Des-brutalização das Relações. *Paralellus*, Recife, v. 7, n. 15, p. 357-371, maio/ago. 2016. Disponível em: https://url.gratis/qG0MP0. Acesso em 1 ago. 2021.

MCEVENUE, Sean E. *The narrative style of the Priestly Writer.* Rome: Biblical Institute Press, 1971.

NEYREY, Jerome H. Segunda Epístola de Pedro. *In:* BROWN, Raymond E.; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E. (Eds.). *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo:* Novo Testamento e artigos sistemáticos. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2011. p. 875-884.

PEREIRA, Ney Brasil. *Sirácida ou Eclesiástico*: a sabedoria de Jesus, filho de Sirac. São Leopoldo; São Bernardo do Campo; Petrópolis: Sinodal; Metodista; Vozes, 1992.

RAVASI, Gianfranco. *Il Livro dei Salmi*. Commento e Attualizzazzione. Volume 1° (1-50). Bologna: Edizioni Dehoniane, 1985.

RENDTORFF, Rolf. *Das Überlieferungsgeschichtliche Problem des Pentateuch*. Berlin: de Gruyter, 1977.

SARNA, Nahum M. *The JPS Torah Commentary: Genesis*. Philadelphia: The Jewish Publication Society, 1989.

SKA, J. L. *Antigo Testamento*: 2: temas e leituras. Petrópolis: Vozes, 2018.

SKA, J. L. *Introdução à leitura do Pentateuco.* Chaves para a interpretação dos cinco primeiros livros da Bíblia. São Paulo: Loyola, 2003.

SKA, J. L. *O Canteiro do Pentateuco:* problemas de composição e de interpretação, aspectos literários e teológicos. São Paulo: Paulinas, 2016.

SPEISER, E. A. *Genesis:* a new translation with introduction and commentary. Garden City, New York: Doubleday & Company, 1987.

STREETT, Daniel R. As it was in the Days of Noah: The Prophets´ Typological Interpretation of Noah´s Flood. *Criswell Theological Review*, Dallas, v. 5, n. 1, p. 33-51, 2007.

VAN SETERS, John. *Prologue to History*: the Yahwist as historian in Genesis. Louisville: John Knox Press, 1992. Disponível em: https://url.gratis/Yyn46. Acesso em: 5 mar. 2019.

VITÓRIO, Jaldemir. "Com amor eterno, tenho misericórdia de ti" (Is 54,8). O Deus Goel: Teologia da misericórdia no Dêutero-Isaías. *Studium*, Várzea Grande, v. 2, n. 2, p. 11-27, 2016.

VON RAD, Gerhard. Die Priesterschrift im Hexateuch literarisch untersucht und theologisch gewertet. *Beiträge zur Wissenschaft vom alten und neuen Testament,* Stuttgart, v. 4, n. 13, 1934.